

Valorização do conhecimento dos benzedores do município de Nova Olinda, Paraíba a partir da utilização de fitoterápicos

Enhancement of healer's knowledge of Nova Olinda municipality, Paraíba from the phytotherapeutic use

Rouzimery Januário de Jesus

rouzimeryjanuario@gmail.com

Andréia Pereira

Universidade Estadual de Londrina

andreiavet@hotmail.com

Marcelo Biondaro Góis

Universidade Estadual de Maringá

marcelobiondaro@gmail.com

Katiucha Rebeca Lera

Faculdades Ingá (UNINGA)

katiucha_lera@hotmail.com

Lainy de Lima

Universidade Estadual de Maringá

lainy-leiny@gmail.com

Mayra Targino

Fundação Francisco Mascarenhas; Faculdades Integradas

De Patos – FIP

mairayssa@yahoo.com.br

Ailton do Nascimento Targino

Fundação Francisco Mascarenhas; Faculdades Integradas

De Patos – FIP

ailtonnasceu@yahoo.com.br

Jozinete Vieira Pereira

Universidade Estadual de Campina Grande

jozinetevieira@hotmail.com

Maria do Socorro Pereira

Universidade Estadual de Campina Grande

vieirapereira@uol.com.br

Resumo

Nós analisamos o conhecimento sobre a utilização das plantas medicinais por benzedores no tratamento das enfermidades no município de Nova Olinda-PB, onde o estudo foi realizado. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário com questões objetivas referentes à identificação dos participantes, dados socioeconômicos e outras pertinentes aos objetivos propostos pelo estudo. Todos os benzedores que atuam no município foram entrevistados. Os resultados demonstraram que o ofício é realizado por homens e mulheres. 70% dos benzedores herdaram o ofício de seus antepassados. Outros 20% revelaram tê-lo aprendido em sonhos, e 10% por meio da observação. Atualmente, mesmo com todos os avanços tecnológicos disponíveis para a medicina, certos grupos sociais usam técnicas e/ou meios arcaicos para a preparação de medicamentos, baseados principalmente na utilização de plantas medicinais, isto é, aqueles que podem ser utilizados para o tratamento ou prevenção de doenças. Cada planta medicinal tem, pelo menos, uma substância responsável pelo efeito curativo da doença. Isso é, por conseguinte, um verdadeiro resgate histórico das “benzedadeiras” e, ao mesmo tempo, uma apreciação sobre as plantas utilizadas para preparar medicamentos caseiros.

Palavras-chave

Benzedadeiras; Fitoterapia; Plantas medicinais

Abstract

We analyze the knowledge and performance of the “benzedadeiras” (traditional healers) about the use of medicinal plants in Nova Olinda - PB. The study is exploratory, descriptive, with quali-quantitative method, aiming to assess the benzedadeiras regarding the knowledge and use of medicinal plants for treatment of diseases in Nova Olinda – PB, practice performed for a long time, providing health to local residents. For data collection was used a questionnaire with objective questions relating to the identification of the participants, socioeconomic data and other pertinent to the objectives proposed by the study. All healers who work in the city were interviewed. The results showed the craft is done by men and women. And 70% of healers inherited the craft of their ancestors. Another 20% said they have learned it in a dream, and 10% through observation. Nowadays, even with all the technological advances available for medicine, certain social groups use techniques and / or archaic means for the preparation of drugs, which are mainly based on the use of medicinal plants, i.e., those ones that can be used for the treatment or prevention of diseases. Every medicinal plant has at least one substance, responsible for the curative effect of the disease. This is, therefore, a genuine historical redemption of the “benzedadeiras”, and, at the same time, an appreciation regarding the plants used to prepare homemade drugs.

Key words

Benzedadeiras; Phytotherapy; Health

Introdução

Desde os tempos remotos, o ser humano acredita no poder de cura e na magia das plantas. O conhecimento intersubjetivo sobre elas, praticado de forma artesanal por homens e mulheres

que guardam em suas vidas uma espécie alternativa de “medicina” mais popular baseada em seus repertórios de experiências religiosas e na manipulação de plantas medicinais, permitiu empregá-las em casos onde a medicina convencional não podia atuar (SANTOS et al., 1998; MORGAN, 2003). No ofício da “bênção”, prática que tem registros no Brasil desde o período colonial (NOGUEIRA et al., 2012), os praticantes são conhecidos como benzedores, curandeiros ou rezadores (CHAVES, 1976). (Por uma necessidade metodológica, usaremos o termo benzedores no masculino, mas sempre querendo nos referir tanto às figuras masculinas como femininas que efetivam essa prática.)

A bênção ou benzedura (ação de benzer) requer uma prática adquirida pelos antepassados do benzedor associada a uma tecnologia medicinal igualmente antiga: a fitoterapia. Na prática, todas as antigas civilizações tiveram suas próprias referências históricas às plantas medicinais. Documentos antigos relatam que a fitoterapia está ligada à magia e é apresentada como “um presente dos deuses” aos homens (DUNFORD, 2001). O objetivo da benzedura é bem simples: associar fé e fitoterapia para curar doenças, livrar de “mau-olhado”, “quebranto”, entre outros.

Tão antigo quanto à prática da benzedura é o conhecimento sobre propriedades e benefícios que as plantas possuem. Fatores como os variados tipos de cores, formas e aromas exalados pelas plantas; a inspiração (incluindo religiosidade); o instinto; a observação e, possivelmente, a experimentação, provavelmente eram mais aguçados naqueles que se tornaram benzedores. Para muitos autores, o domínio de tais características pode ser considerado uma forma de arte (CHAVES, 1976). De certa forma, isso nos ajuda a compreender como o conhecimento sobre propriedades e benefícios que as plantas possuem foi sedimentado e transmitido de geração em geração ao longo de milhares de anos (MORGAN, 2003).

Talvez pelo fato de que seja empírico, de maneira geral, atribui-se pouca importância aos portadores desse saber milenar quanto ao conhecimento sobre as plantas medicinais. Outrora se distribuía por praticamente todas as comunidades no Brasil e já foi bem mais valorizado. Recentemente, no centro sul do estado do Paraná, um documentário retratou e homenageou esse ofício (MARCHI, 2015).

Assim, o objetivo do presente estudo é destacar, como o conhecimento popular de benção tem sido praticado a partir do uso da fitoterapia, bem como suas formas de

indicação, espécies de plantas indicadas e as enfermidades tratadas no município de Nova Olinda, Paraíba.

Metodologia

Delineamento do estudo

O presente estudo considerou os aspectos éticos da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas com seres humanos (BRASIL, 1996). Todos os procedimentos realizados foram previamente aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Humanos da Fundação Francisco Mascarenhas; Faculdades Integradas de Patos-PB sob o Protocolo número 00267/2009.

Trata-se de um estudo descritivo e quantitativo, realizado na comunidade do município de Nova Olinda, Paraíba. O município de Nova Olinda localiza-se na mesorregião do Sertão Paraibano, microrregião de Piancó, com aproximadamente 6.070 habitantes (IBGE, 2010). Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário com questões objetivas referentes à identificação dos participantes, dados socioeconômicos, espécies medicinais mais utilizadas e a demanda pela procura por benzedores.

A amostra da pesquisa será constituída por dez benzedores, rezadores ou curandeiros que atuam no município de Nova Olinda, Paraíba. A aplicação do questionário aos participantes foi realizada após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE).

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada por métodos estatísticos e descritivos, expostos por meio de tabelas que apresentam os resultados da pesquisa em números absolutos e valores percentuais.

Resultados

O ofício de benção é realizado por homens e mulheres, 20 e 80%, respectivamente. Nossos resultados demonstraram que 70% dos benzedores herdaram o ofício de seus antepassados. Outros 20% revelaram tê-lo aprendido em sonhos, e 10% por meio da

observação. Esses resultados demonstram que culturalmente o ofício de benção está enraizado na amostra estudada. Esses resultados estão apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Dados socioeconômicos dos benzedores que atuam no município de Nova Olinda na Paraíba.

Pergunta	Resposta	n*
Sexo?	Masculino	2
	Feminino	8
Idade?	Menos de 66 anos	2
	67 a 75 anos	6
	Mais de 76 anos	2
Escolaridade?	Analfabeto	9
	Ensino Fundamental Completo	1
Ocupação?	Aposentado(a)	10
Renda familiar?	Até um salário	8
	Mais que dois salários	2
Estado civil?	Solteiro(a)	2
	Casado(a)	4
	Viúvo(a)	2
	Separado(a)	2

* n = ao número de benzedores entrevistados

Quanto ao poder de cura, 100% responderam que acreditam no poder de cura das plantas. Desse total, 50% são motivados a usá-las por acreditarem unicamente no seu poder. Outros justificam ser melhor que os encontrados em farmácias (30%) e por ser de baixo custo (20%).

As plantas mais utilizadas, tipos mais frequentes de enfermidades, os tratamentos mais comuns e os principais motivos da procura pelos benzedores encontram-se descritos na tabela 2.

Tabela 2. Espécies medicinais mais utilizadas e a demanda pela procura por benzedores que atuam no município de Nova Olinda na Paraíba.

Nome comum (nome científico)	Forma de uso	Exemplo de Indicação	Motivo da procura	Frequência de Indicação
Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.)	Amuleto*; chá	Analgésico e abortivo	Mau Olhado; Desmentidora	20%
Erva cidreira (<i>Melissa officinalis</i> L.)	Chá; xarope; Lambedores	Crises nervosas e sedativo	Dores	30%
Hortelã miúda (<i>Mentha pulegium</i> L.)	Chá; Lambedores	Vermífugo	Desmentidora; Vento Caído	10%
Manjerição (<i>Ocimum basilicum</i> L.)	Lambedor; Xarope	Calmante digestivo	Vento Caído	10%
Mastruz (<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.)	Lambedores; Xarope	Anti- inflamatório e expectorante	Engasgamento	20%
Romã (<i>Punica granatum</i> L.)	Xarope	Antimicrobiano	Cobreiro	10%

Amuleto *: Objeto que os supersticiosos consideram como protetor contra os malefícios, desgraças e feitiços. Talismã.

A maneira mais indicada para o tratamento fitoterápico após a benzedura inclui a prescrição de chás, xaropes e lambedores ou ainda o uso de um amuleto.

Discussão

A cultura de benzer é realizada em todo o Brasil. No município de Nova Olinda, Sertão Paraibano, esse ofício ainda é preservado. Na maioria dos estados do norte e nordeste do Brasil, há uma grande procura por benzedores. É verdadeiro afirmar que a benzição já foi bem mais difundida no Brasil. Distribuía-se por praticamente todas as comunidades brasileiras desde o Brasil Colônia (NOGUEIRA et al., 2012). Naquele período, houve perseguições, por parte da igreja Católica. A qual, de muitas formas, tentou reprimir o que chamavam de catolicismo popular. “Da repressão e risco (Lei Nº 1401/2010; MARCHI, 2015), houve um grande diferença”(OLIVEIRA & MARTINS, 2011).

Hoje, apenas algumas regiões mantêm essa prática. Recentes estudos têm demonstrado tais manifestações, embora menos expressivas, no Rio Grande do Sul (BORCHARDT & COLVERO, 2014), no centro sul do estado do Paraná (MARCHI, 2015), centro oeste (NOGUEIRA et al., 2012) e nordeste do Brasil (SANTOS, 2007; AGUIAR, 2009). Esses

estudos foram realizados com objetivos variados. Borchardt e Colvero (2014) buscaram compreender, não apenas como essa arte se sustenta, mas a dinâmica da transmissão do ofício de benzer. Em contraste, Marchi (2015), por meio de um documentário, colocou os benzedores em evidência, retratou e homenageou-os, mesmo havendo pouco conhecimento acerca da associação da benzedura com o uso plantas medicinais.

Os benzedores, com sua prática, visam à saúde e ao consolo do indivíduo (AGUIAR, 2009). Mesmo que tal consolo seja concebido como reforço espiritual. No presente estudo, dentre os benzedores entrevistados, 80% (8/10) são mulheres, 20% (2/10) são homens. Todos afirmaram que praticam bênção desde muito novos. A maioria é composta por idosos, 90% são analfabetos. Recebem pouco mais de um (1) salário mínimo. Apenas 40% são casados (Tabela 1). No entanto, vale ressaltar que, segundo os benzedores, idade, grau de instrução, estado civil ou renda não interferem no desempenho de suas atividades.

Quando questionados sobre o uso e indicação de plantas, 50% responderam que as utilizam e indicam como remédios devido ao seu grande poder de cura; 30% deles por acreditarem que são mais efetivas do que os medicamentos encontrados nas farmácias e 20% afirmaram que esses medicamentos a base de plantas são mais eficazes e mais baratos se comparados aos medicamentos sintéticos. Apesar dessa divergência da utilização de plantas, 100% dos entrevistados (10/10) acreditam que o poder das plantas somado à fé que têm em Deus contribui para cura. Eles não cobram por serviços prestados. A principal motivação para o trabalho é a satisfação de verem as pessoas curadas e agradecidas. Dessa forma, sentem-se incentivados a continuar o ofício como se este lhes fosse incumbido por Deus.

Nossos resultados mostraram que uma parte (20%) deles acredita terem se tornado benzedores graças ao dom recebido de Deus. A outra parte (80%) dos entrevistados assumiu ter herdado a arte da reza, bem como a indicação de plantas, chás, xaropes, entre outras técnicas para cura, de seus parentes e vizinhos. Borchardt e Colvero (2014) obtiveram resultados semelhantes ao indicar que a transmissão se dá no meio familiar e se baseia na oralidade e gestualidade. Isso, provavelmente, inclui toda a metodologia para a prática desse ofício, considerando as rezas e o manejo com as plantas. Para Oliveira et al. (2009), a grande diversidade de plantas medicinais possibilita ao homem oportunidades de perpetuar suas experiências por meio da disseminação oral do conhecimento.

A utilização de plantas medicinais em prol da melhoria da saúde tem evoluído ao longo do tempo. Desde formas mais primitivas, como as usadas pelo homem nas cavernas, até formas mais inovadoras, tecnológicas e modernas (LORENZI & MATOS, 2002). Nossos resultados demonstram que, além de cultivar diversos tipos de plantas medicinais, os benzedores as consomem e as indicam na forma de chás, xaropes e lambedores (Tabela 2). Intervenções profiláticas e terapêuticas caseiras são realizadas com o intuito de buscar uma melhor qualidade de vida e bem-estar. Essas técnicas por sua vez, são bem difundidas dentro do próprio seio familiar, sendo transmitidas por gerações (SILVA et al., 2010). Segundo Botsaris e Machado (1999) a fitoterapia – o conjunto de conhecimentos sobre os efeitos terapêuticos das plantas –, representava no passado a principal alternativa para o tratamento de populações carentes. Ressalta-se aqui que a fitoterapia, associada à bênção, está presente onde a saúde pública é precária ou inexistente. Em determinadas regiões, os benzedores representam a única alternativa. Nesse sentido, faz-se necessário questionar se há correlação entre essa tradição e índices socioeconômicos.

Dentre as enfermidades com maior procura por benzedores, destaca-se: Mau Olhado; Desmentidora; Vento Caído; Cobreiro e Engasgamento.

O “Mau Olhado” se caracteriza por uma doença que, de acordo com os benzedores, recai sobre pessoas com beleza, forma física, inteligência ou algo que o indivíduo possua e que causa fascínio ou inveja. Essa doença deixa o ser humano sonolento causando inapetência, excesso de bocejo e falta de ânimo.

Já no caso de “Desmentidora” (luxação ou torção) os benzedores usam um carretel de linha, agulha e um pano (pedaço de tecido), com o intuito de juntar os tecidos que foram separados ou rompidos. Isso se dá por meio de um sistema de pergunta e resposta. No ato da bênção, eles pronunciam as seguintes palavras: “*O que é que eu coso?*”, pergunta o benzedor. “*Carne triada*”, responde o contundido. Eles finalizam rezando: “*Carne triada ou, osso rendido, nervo torto, junta desconjuntada, veias corrompidas, coração amargurado. Aqui mesmo eu coso com os poderes de Deus e do Divino Espírito Santo, Jesus cura, Jesus Salva e Jesus liberta*” (SANTOS, 2007).

O “Vento Caído” ou ventre virado, para os benzedores, atinge principalmente crianças. No ritual de bênção, eles fazem gestos em cruz sobre a barriga da criança e dizem: “*Jesus quando andava no mundo tudo que achou levantou. Levante o vento caído de fulano com*

vosso divino amor”. Para que a cura aconteça, a mãe deve tirar a veste da criança e colocá-la estendida de cabeça para baixo no meio de uma porta durante três dias (SANTOS, 2007).

Pessoas acometidas pelo “Cobreiro” têm como características aparecimento de manchas na pele, que podem se alastrar pelo corpo se o portador não procurar ajuda de um rezador rapidamente, sendo que a cura para a enfermidade se daria em forma de reza e pergunta e resposta entre o benzedor e o benzido. Com o auxílio de uma faca, diz-se: *“Benzedor: o que é que eu te corto? Benzido: Cobreiro Brabo! Benzedor: Eu corto cabeça e a ponta do rabo! Com os poderes de Deus tu estarás curado”* (SANTOS, 2007).

Naqueles acometidos pelo “Engasgamento” ou engasgo, o benzedor, aplicando com seu polegar movimentos suaves em quatro direções sobre a garganta do engasgado, pronuncia: *“Homem bom, mulher má. Esteira velha, janta nenhuma. Deus e São Brás subam ou desçam esse engasgo”* (SANTOS, 2007).

Neste estudo, destacamos que os benzedores, durante os rituais de cura, utilizam vários elementos. Estes se alternam conforme a enfermidade, utilizando-se assim: além da reza, ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano, garrafa de vidro e água. A bênção pode ser realizada na presença do enfermo ou à distância, tendo como objetivo, livrar de todos os males não só as pessoas, mas também animais ou objetos (SANTOS, 2007). Os benzedores, em alguns casos, têm medo de pegar a doença do benzido (indivíduo com a enfermidade) e, para retirar essa energia maléfica, eles rezam, porém não revelam a oração (SANTANA & SERGIÁRIO, 2008).

Dentre as plantas medicinais mais indicadas pelos benzedores de Nova Olinda-PB, destacam-se: Arruda; Erva Cidreira; Hortelã Miúda; Manjerição; Mastruz; e Romã (Tabela 2). O uso objetivo de tais plantas medicinais está associado à melhora na digestão; ação estomáquica, antirreumática, anti-helmíntica; ao efeito calmante; aliviar os espasmos; reduzir a febre; na capacidade de controlar infecções bacterianas; matar parasitas intestinais (LORENZI & MATOS, 2002; SIQUEIRA & SANTOS, 2011; ALBUQUERQUE, 2012). Já o uso subjetivo relaciona-se ao ritual de proteção e à realização de sonhos e desejos.

Considerações finais

Em síntese, é de fundamental importância ressaltar que boa parte do conhecimento empírico produzido no cotidiano dos benzedores contribuiu para, além da manutenção de seu ofício, o desenvolvimento de medicamentos sintéticos. Nesse sentido, a ciência, sobretudo a medicina, deve muito aos benzedores, curandeiros ou rezadores. Suas observações e interpretações da natureza permitiram o surgimento da fitoterapia. Esta, por sua vez, associada ao ofício de benzer, atua como mediadora para a cura de diversas doenças (tanto do corpo, quanto da alma). E, dessa forma, propicia uma relevante alternativa, cada vez mais aceita e estudada pela ciência.

Referências

AGUIAR G. O. Mulheres negras da montanha: as bezendeiras de Rio de Contas, Bahia, na recuperação da sade. Ciberteologia - **Revista de Teologia & Cultura** - Ano III, n. 21, 2009.

ALBUQUERQUE, U. P.; COOPER, E. L.; MADEIRO, M. F. T.; ALVES, R. R. N.; LADIO, A. H. Medical Ethnobiology and Ethnopharmacology in Latin America. **Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine**, 2012.

BELTRÃO, L. **Videntes & Valentes. Presença das Ciências Ocultas na Falta de comunicação.** Jornalismo Científico/Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Cortez Editora, IMS, 1982.

BOTSARIS, A. S.; MACHADO, P. V. **Introdução à fitoterapia: momento terapêutico fitoterápicos.** Rio de Janeiro: Flora Medicinal, p. 8-11, 1999.

BORCHARDT, J.; COLVERO, R. B. A transmissão do ofício de benzer: uma análise em São Miguel das Missões-RS. **Revista Memorare**. 1(3): 96-110; 2014.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde.** Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Resolução nº 196/96. Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF: 1996.

CAMARGO, M. T. L. A. **O cobreiro na medicina popular.** Disponível em: <http://www.aguaforte.com/herbarium>. Acesso em: novembro de 2015.

CHAVES, R. P. **Medicina antropológica.** São Paulo: Sarvier, 1976.

CORDEIRO, R.; NUNES, V. A.; ALMEIDA, C. R. **História e tradição. Coleção plantas que curam.** Editora 3. São Paulo: 1996.

DUNFORD, S. E. A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde.** São Paulo: Manole, p.163, 2001.

FEITOSA, E. G.; MIRANDA, F. A.; NEVES, W. S. **Filosofia: alguns de seus caminhos no Ocidente**. Baraúna, São Paulo. Edição digital, 2014.

FERREIRA, L. O. **Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos**. In: Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social. Sidney Chalhoub. et al. (Org.). Campinas: Unicamp, p. 101, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE); Censo Populacional 2010 (29 de novembro de 2010). Disponível em: www.ibge.gov.br

JORGE, S. S. A. Plantas Medicinais: Coletânea de Saberes. PDF. Disponível em: http://www.fazendadocerrado.com.br/fotos_noticias/1280/Livro.pdf. Acesso em: novembro 2015.

LEI Nº 1401/2010; CÂMARA MUNICIPAL DE REBOUÇAS, ESTADO DO PARANÁ. "Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular em suas distintas modalidades: benzedeiros (a), curadores, costureiros (a) de rendiduras ou machucaduras e regulamenta o livre acesso à coleta de plantas medicinais nativas no município de Rebouças, Estado do Paraná, conforme especifica". Disponível em: <http://leismunicipa.is/jaumb>

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e externas**. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a wittgensntein**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MORGAN, R. **Enciclopédia das ervas e plantas medicinais: doenças, aplicações, descrições e propriedades**. 9. ed. Hemus, 2003.

NOGUEIRA, L.C.; Versonito, S.M.; TRISTÃO, B.D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de bênção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée, Rev. Geografia**. v. 1, n. 2, p.167-181, 2012.

OLIVEIRA, E. R. **O que é medicina popular**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, L.C.; MARTINS, K. D. O Ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. **Revista de Ciências Humanas**. v.11, n.02, p.259-269, 2011.

OLIVEIRA, G. F.; SOUZA, L. L. P.; FERNANDES, I. C. F.; BORGES, D. M. C.; MAGALHÃES, P. B.; VILARINHO, B. F. **A evolução da medicina alternativa no século xxi**. In: **61º simpósio brasileiro de enfermagem, 2009**. Fortaleza. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.abeneventos.com.br/anais_61cben/files/02166.pdf. Acesso em: novembro de 2015.

SANTANA, E.; SEGGIARO, D. **Benzedeiras e benzeduras**. 2. ed. Porto Alegre: alcance, 2008.

SANTOS, F.V. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico das práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta-RN**. Rio Grande do Norte. 2007. 297 p. Dissertação (Mestrado em antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, M. T. B.; SILVA, I.; MIRANDA-NETO, M. H. Investigação do uso de plantas medicinais entre mães de aluno do curso de magistério do colégio Estadual Humberto de Campos do Município de Santo Antônio do Sudoeste. **Pr. Arq. Apadec**. v. 2, n. 1, 1998.

SILVA, L. C. A participação das rezadeiras nos projetos de saúde comunitária no estado da Paraíba. Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/22/GT2-texto6-A_participacao_das_Rezadeiras_-_Custodio.pdf. Acesso em: novembro de 2015.

SILVA, S. E. D.; VASCONCELOS, E. V.; SANTANA, M. E.; RODRIGUES, I. L. A.; LEITE, T. V.; SANTOS, L. M. S.; SOUSA, R. F.; CONCEIÇÃO, V. M. A. M.; OLIVEIRA, J. L.; MEIRELES, W. N. Representações sociais de mulheres mastectomizadas e suas implicações para o autocuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 63, n. 5, p. 727-34, 2010.

SIQUEIRA, L. O.; SANTOS, F. P. Antimicrobiana do manjerição (*Ocimum basilicum* L.). In: 1º Simpósio Brasileiro de Iniciação Científica 2011, Londrina. Anais eletrônicos. Disponível em: http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/1/420_601_publpg.pdf. Acesso em: novembro de 2015.